

ROUNDS DE UMA MEMÓRIA ESPORTIVA: PARTE DA HISTÓRIA DO BOXE NO MUNICÍPIO DO RIO GRANDE/RS

Kim Torales da Silva¹
Débora Duarte Freitas²

RESUMO: Este estudo busca registrar parte da memória do boxe no município do Rio Grande através da História Oral, tendo como interlocutores três praticantes que constituíram parte dessa história. A partir dos resultados obtidos, fracionaram-se as memórias em três momentos, os quais chamamos de *rounds*: no primeiro abordamos o início e a consolidação do boxe riograndino; em seguida, o modo como foram surgindo diversas equipes; e, no terceiro *round*, como surgiu um novo espaço de boxe que (re)centraliza seus praticantes.

Palavras-chave: Boxe. Memória Oral. Rio Grande.

ROUNDS OF A SPORTS MEMORY: PART OF BOXING HISTORY IN RIO GRANDE/RS

ABSTRACT: This study aims registering part of boxing's memory in Rio Grande through oral history, with the three interlocutors practitioners who formed part of his story. From the results obtained the memories is fractionated in three stages, which we call rounds, where in the first approach the induction and consolidation of a boxing Riograndino; then were emerging as the various teams; and in the third round, a new space of boxing that (re)centralizing its practitioners.

Key-words: Boxing. Oral Memory. Rio Grande.

ROUNDS DE UNA MEMORIA DEPORTIVA: PARTE DE LA HISTORIA DEL BOXEO EN RÍO GRANDE/RS

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo realizar el registro de parte de la memoria del boxeo en la ciudad del Río Grande. En relación a la metodología de la investigación se utilizó la historia oral contada por tres practicantes del boxeo y sus interlocutores en la constitución de sus trayectorias vitales. De los resultados obtenidos, hemos destacado los recuerdos fraccionados en tres etapas que llamamos: rondas, donde hay el primer acercamiento de la inducción y la consolidación de un riograndino en el boxeo; luego, en la segunda ronda fueron surgiendo los distintos equipos de competidores; y en la tercera ronda, un nuevo espacio de boxeo que (re)centraliza de sus practicantes.

Palabras-clave: Boxeo. La Memoria Oral. Rio Grande.

¹ Acadêmico do curso de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande.

² Professora Mestre da Universidade Federal do Rio Grande. Orientadora do trabalho de conclusão de curso.

INTRODUÇÃO

Hoje a cidade do Rio Grande possui diversas academias e equipes de boxe em distintos bairros, onde se pode praticar o boxe tanto para competição como para a prática de lazer. Esporadicamente acontecem competições deste esporte a nível olímpico e profissional³ e, com frequência, alguns praticantes do município integram competições estaduais, nacionais e até internacionais.

Porém, ao pesquisar sobre o boxe riograndino, poucos registros são encontrados, assim como em outras modalidades de esportes de contato e mesmo o próprio boxe em diferentes âmbitos. Os esportes, de forma geral, possuem suas origens e seus passados ainda de forma um pouco túrbida, pois:

A História do Esporte é um campo de investigação relativamente novo na historiografia. Pode-se dizer que somente a partir da década de 1970, na França, com a revolução historiográfica, quando novos problemas, objetos e métodos surgiram para o historiador, é que o *desporto* tornou-se atraente (CARATTI, 2012, p.512).

Desse modo, a história do boxe tem sua origem um tanto obscura e nublada, muito talvez por essa história ser comumente narrada de forma oral e não através de registros escritos.

A partir desse objeto de estudo e de seus poucos registros no município, pensamos em alguns questionamentos: de que maneira iniciou esse esporte em Rio Grande? Quem foram seus primeiros e principais atores? Como esse esporte de contato se constituiu no município? Quais registros existem sobre esse esporte?

Outras questões foram pensadas em torno do boxe, mas de forma simples, tentamos responder como problema de pesquisa – “Como se constitui a história do boxe no município do Rio Grande/RS?”

³ Os boxes olímpico e profissional se diferem no número e na duração dos *rounds*, pontuação, equipamentos de proteção, além de variações na regra. O Boxe olímpico também é conhecido como boxe amador e, uma vez que o atleta se torne profissional, não pode mais participar de disputas olímpicas.

Voltamo-nos, então, para o boxe "papareia"⁴ com a intenção de narrar e registrar parte da memória do boxe dentro da cidade do Rio Grande. Para isso desenvolvo uma pesquisa de cunho qualitativo utilizando o recurso da História Oral (BOSI, 2003) para a coleta de dados. É necessário frisar que a história não se dá de forma linear, mas, sim, que ela sofre rupturas e justaposições.

Para esta pesquisa foram realizadas três entrevistas⁵, semi-estruturadas, as quais ocorreram em espaços do cotidiano dos entrevistados, sendo duas entrevistas em seus locais de trabalho e uma na casa de um deles. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas nas quais, para cada entrevistado, foi elaborado um questionário específico que procurasse fomentar a narrativa e explorar as memórias que contribuíssem para o objetivo desta pesquisa.

Cientes de que "ao trabalhar com memória, percebesse algumas limitações nas falas dos entrevistados como 'versões do passado' socialmente situadas em relação aos depoentes" (MARTA, 2010, p. 35), pois ao obtermos a fala do narrador, sabemos que esta nunca estará isenta de suas percepções, valores, discursos, objetos, saberes e poderes, temos um ponto de vista que não é neutro, nem mesmo a própria interpretação dos dados pelo pesquisador. A própria formulação do questionário já perpassa pela influência que o pesquisador exerce sobre o afloramento das memórias do entrevistado (THOMPSON, 1997).

É preciso deixar claro que não se teve, em momento algum, a pretensão de criar uma história linear, pois a própria memória não se dá em renque. A narrativa não acompanha uma ordem dos fatos históricos e muitas vezes ela não possui um marco temporal fixo.

Os sujeitos desta pesquisa foram escolhidos pelo fato de os mesmos atuarem há muito tempo no boxe em Rio Grande e terem vivências que permitem compor parte das memórias do boxe em diversos períodos. São eles: Samir Santos Barbosa, nascido em 05 de maio de 1980, tido como pioneiro no boxe em Rio Grande, primeiro atleta riograndino a se

⁴O termo "papareia" é um apelido informal dado para os nascidos no município do Rio Grande.

⁵ As falas dos entrevistados estarão destacadas em quadro para se diferenciarem das citações diretas. Todos os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

profissionalizar no boxe, detentor de diversos títulos⁶, ex-atleta da Seleção Gaúcha de Boxe Olímpico, presidente e instrutor do projeto Punhos de Esperança; Jairo Veiga, nasceu em 25 de julho de 1964, instrutor de boxe na Equipe Veiga, colaborador do projeto Punhos de Esperança, um dos praticantes de boxe mais antigos na cidade do Rio Grande, trabalha também como padeiro; Claiton Trassante, nascido em 27 de dezembro de 1980, um dos primeiros atletas de competição de Samir, diversas vezes campeão gaúcho de boxe olímpico, um dos fundadores do Projeto Punhos de Esperança, atualmente atleta de M.M.A.

ROUND 1: PRIMEIROS SOCOS EM RIO GRANDE

De acordo com Vieira (2007), as provas mais antigas de boxe poderiam ser encontradas em achados arqueológicos que datam de sete mil anos antes de Cristo no Norte da África. No entanto, ainda segundo o mesmo autor, outros registros mais consideráveis relatam que o boxe surge de quatro mil a três mil anos a.C. entre egípcios e depois gregos. Assim, seria possível afirmar que, "o boxe está no grupo dos esportes mais antigos do planeta" (CARTATI, 2012, p. 515).

Neste sentido Trunz assevera:

As lutas, em suas mais diversas manifestações ou estilos, estão presentes desde os primórdios da humanidade. Usadas como meio de ataque e defesa ou como disputas e jogos, elas foram ganhando novos elementos, perdendo outros, evoluindo conforme a cultura em que estavam inseridas (2007, p. 181).

No Brasil apenas na década de 20, devido à influência de um sobrinho do então presidente Rodrigues Alves, o boxe ganhou realce efetivo no país (VIEIRA, 2007). No Rio Grande do Sul, a Federação Rio-Grandense de Pugilismo (FRGP), que rege as competições oficiais no Estado, foi fundada apenas em 1944 (CARRATI, 2012).

⁶Campeão Gaúcho pela Federação Rio-Grandense de Pugilismo (FRGP); Campeão Brasileiro pela Associação Nacional de Boxe (ANB); Campeão Mundo Hispano pelo Conselho Mundial de Boxe (WBC); Campeão Internacional pelo Conselho Mundial de Pugilismo (WPC); Campeão Fedecentro pela Associação Mundial de Boxe (WBA); Campeão Fedecaribe pela WBA.

"Não se ouviu de falar de boxe em Rio Grande, até que em 96 apareceu o Samir, dando aula nos fundos da CEEE, na 24 de maio, lá no começo da 24 de maio. Aí fui lá, fui conhecer o Samir, magrinho em cima de um ringue" (VEIGA, 2013).

Para muitos Samir é considerado um precursor desse esporte no município, pois, antes dele, Rio Grande não teria um boxe consolidado. Tem-se o conhecimento que existiram indivíduos que praticaram boxe no município antes de Samir, mas como estes não constituíram uma prática sólida, foi considerado pertinente não estender esta pesquisa a eles.

Na entrevista de Samir, quando lhe perguntado sobre seu início no boxe, ele conta que sua vontade de treinar boxe veio na infância, influenciado pelas lutas de atletas profissionais como Mike Tyson, Maguila e Holyfield que assistia junto do pai pela TV e também pela produção cinematográfica "Rocky: o lutador". Quando Samir decidiu praticar o boxe, teve nesse momento um problema:

"Vou ser lutador. Aí veio uma das primeiras complicações, tá, eu vou fazer boxe aonde? Com quem? Rio Grande não tem, quê que eu vou fazer?"(SANTOS, 2014).

Em outro momento da entrevista com Jairo é possível realçar outra fala que corrobora com a ideia de que antes de Samir o boxe parecia ainda não era comumente praticado quando ele descreve que:

"Na década de 80, havia aqui em Rio Grande uma academia de boxe. Bom aí seu Jairo foi lá se inscreveu, pagou a primeira matrícula. Dia seguinte foi e academia fechada. Findou o boxe" (VEIGA, 2013).

No entanto, isso não fez com que Samir desistisse de treinar o boxe e, enquanto não houvesse quem lhe ensinasse, Samir fez seus primeiros socos assistindo e imitando as lutas de grandes campeões. Ele mesmo diz que:

"Como eu não estava achando lugar pra treinar, eu peguei e comecei a gravar. Eu tinha, na época, era os videocassete. Hoje em dia acho que já nem tem mais, os videocassete, e eu gravava as luta. Ai eu, pô, assistia duzentas vezes as lutas do Tayson, do Maguila em "slowmotion" que era "frame" a "frame", pra ver exatamente qual era a base dos cara, qual era o golpe, qual era a esquiva, qual era a movimentação. E ai eu comecei a fazer em casa, tudo que eu via ali eu repetia em casa, duas três horas"(SANTOS, 2013).

Nesse ínterim, Samir seguiu praticando boxe sozinho e fazendo outras modalidades de luta, até que começou a treinar boxe com um vigia noturno, que mais tarde descobriu não ser apto pela FRGP para dar aula e, portanto, nunca levou Samir para uma competição oficial. Neste período, Samir já fazia lutas em eventos não oficiais e até lutas de boxe dentro de eventos de M.M.A., na época chamado de Vale-Tudo.

Até que decidiu ir sozinho até a FRGP em Porto Alegre para então poder se aproximar da sua meta de ser um lutador de boxe. Ele narra de forma envolvente e empolgante sua primeira luta oficial pela Federação:

"E aí tá, beleza, quando chegou o dia da minha luta primeiro round, taw, taw, taw,taw, taw e taw, o cara me deu uma bomba, velho, que seguinte, estou vendo estrela até hoje. Me deu um pauladão, mas eu estava com tanta gana de ganhar, de vencer, que eu pá, segurei no osso e segui lutando, taw, taw, taw, taw. Voltou pro segundo round, eu me lembro que no treino que ele me passou ele me disse: '-Tchê, eu não vou mudar tua técnica em dois dias. Então, assim, faça o que tu fizer dá gancho e cruzado só, tu tem força, é um cara forte e tal. Seja o que tu vai jogar em cima do ringue, a tua tática, o que tu vai fazer, da gancho e cruzado e deu pra bola.' E aí eu voltei pro segundo round com aquilo que o cara tinha me falado, vou dar gancho e cruzado, e aí taw, taw, taw, lá pelas tantas o cara me deu um pauladão. Eu zuei, zuei sabe? Fiquei tonto pra caramba, e aí ele...aí eu dei um cruzadão e ele meio que se agachou assim, e eu assim me lembrei do gancho, aí então vai o gancho e TAW! Nocauteei o cara. Aí, tipo assim, primeira luta com a Federação, luta oficial pela Federação, já tinha feito outras lutas a nível regional, mas tudo de qualquer jeito, nada oficial, nada que fosse me ranquear, dar alguma participação na Federação. Primeira luta pela Federação, primeira luta oficial e tal, pô, ganhei por nocaute, segundo round, uma luta de seleção gaúcha contra seleção Uruguiaia. Pô, dentro do Uruguai, no país vizinho. Então pra mim, assim ó, contou muitos pontos em relação à Federação, dali em diante toda minha estada no boxe amador foi em cima e crédito daquilo que eu comecei ali, na Federação. Começaram a me respeitar, a me olhar diferente. Nisso eu comecei a fazer cursos pela Federação pra instrutor, pra técnico. Enfim, comecei a me especializar em dar aula." (SANTOS, 2013).

A narrativa desta primeira luta tem grande importância para a história do boxe riograndino, uma vez que mostra as condições de possibilidade que o boxe do Rio Grande teve para se firmar com um dos seus atletas e futuro professor junto à Federação Gaúcha. Ao

voltar para sua cidade natal, com sua primeira vitória oficial, Samir se dedica ainda mais ao boxe, começa a dar aulas e assim começam os primeiros socos de boxe em Rio Grande.

"Bom, ali começou então o boxe profissional e o amador, né? Se abriu as portas, o que nós precisássemos hoje nós tínhamos, que é quem nos desse os primeiros passos, e o Samir foi o primeiro a sair daqui de Rio grande né? A conquistar isso aí." (JAIRO, 2013).

A partir desse momento, Samir vem a ganhar popularidade e passa a vincular seu nome ao nome do boxe na cidade. Fato esse que fica evidente na fala de Claiton Trassante, um dos primeiros alunos de Samir a ser campeão gaúcho. Ele descreve seu início no boxe:

"Ai né, anos depois, depois de ter passado por outros esportes eu ouvi pelo Samir né. Pelas notícias, as vitórias dele, começou aparecer bastante no jornal a equipe dele, que tinha bastante atleta na época. Isso foi em 99/ 2000" (TRASSANTE, 2013).

Diante desse relato, é viável perceber que, por intermédio de Samir, Rio Grande passou a ter um boxe mais reconhecido. Se antes Jairo se inscreveu em uma academia de boxe que fechou no dia seguinte, Samir, quando decidiu treinar, não encontrava espaço, Claiton já teve seu início em Rio Grande, em uma equipe consolidada e reconhecida, que já ganhava destaque em um veículo de comunicação. Equipe que, em sua trajetória, teve momentos vitoriosos, como destaca Samir:

"Fiz uma das melhores equipes de boxe amador do Rio Grande do Sul. Teve um ano, inclusive, que teve uma equipe argentina que participou do campeonato estadual e a nossa equipe em toda a temporada de dois anos seguidos, duas temporadas seguidas, a nossa se sagrou melhor equipe de todo o estado" (SANTOS, 2013).

ROUND 2: AS EQUIPES

Nesse diapasão, diante dos relatos anteriores, ficou reconhecido que após consolidação do boxe na cidade do Rio Grande, através de sua representação pelo boxeador Samir, começam a surgir novas equipes riograndinas de boxe. Assim como pioneira a equipe deste pugilista, conhecida pelo nome Australian Boxe, merece ser destacada na história da cultura local do esporte.

Poucos registros, além da memória dos entrevistados, restaram desta equipe e talvez a mais impactante seja o símbolo da equipe, um canguru usando luvas de boxe e cinturão característico dos campeões mundiais de boxe, tatuado nas costelas de Samir.

Quando questionado sobre a origem do nome da equipe Samir explica:

"Por que o nome da equipe Australian Boxe? Toda a equipe de, sei lá, de Jiu-Jitsu, de Capoeira tinha um logotipo, uma logomarca ali. E tinha um mascote, do Jiu-Jitsu era um pit bull, o outro lá era uma naja. Aí pô, o animal mais próximo do boxe era o canguru! Isso a gente vê desde pequeno nos desenhos, os canguruzinho lutando, o canguru vem da onde? Austrália! Então eu vou botar Australian Boxe"(SANTOS, 2013).

É plausível compreender essa gratidão que Samir demonstra com sua primeira equipe, nela ele passou quatro anos lutando como boxeador amador até se profissionalizar. Ao se profissionalizar, ele visa sustentar-se através do boxe e em consequência disso, poder alcançar melhores condições de vida. O pesquisador Wacquant (2002) compõe um estudo em que indica o boxe ligado ao gueto, praticado por indivíduos de vida menos favorecida, criminalizados, e que, da mesma forma que Samir, depositam no boxe uma possibilidade de ascensão social. Esta afirmação fica evidente no seguinte trecho:

"Eu tirei o boxe amador, como muitos falam, a eu vou tirar uma faculdade pra ser advogado, eu vou tirar uma faculdade pra ser médico... Minha faculdade foi o boxe amador. Então tudo que eu investi, a nível de material, a nível de viagens, a nível de tentar ter um crescimento no boxe amador eu tirei como minha faculdade, pra depois me profissionalizar" (SANTOS, 2013).

ARTIGO

Como profissional, Samir almejava progresso e a conquista de títulos, no entanto, seus treinamentos em Rio Grande não eram capazes de lhe tornar visível no cenário do boxe nacional. Independente de sua conquista como Campeão Gaúcho pela FRGP, para pleitear títulos de nível nacional, ele teria que competir em São Paulo/SP.

Com a mudança de Samir para São Paulo, o boxe riograndino perdeu sua referência no esporte. Em consequência disso houve divergência entre aqueles que seguiram praticando o esporte na academia fundada pelo pugilista. Neste sentido assevera o lutador:

"Já na primeira vez que eu vim, já teve uma certa discordância entre eles, porque nisso já treinava o Claiton Trassante que começou boxe comigo, treinava o Lito, treinava o Willian, enfim treinavam vários que já competiam e que já tinha disposição, pra sei lá, seguir uma carreira de atleta, mas também de montar suas equipes. E nisso começaram, sei lá, o ego, o ciúmes e tal. Começaram a meio que cada um puxar pra um lado. [...] Aí reuni toda a equipe e falei, disse olha, beleza, vamos organizar a bagunça e fazer assim, eu deixei uma equipe montada e tal. Em São Paulo, pra mim está bom. Eu pretendo seguir carreira lá pra gente poder manter o boxe do Rio Grande do Sul com um nome em alta, porque se tiver um representante gaúcho lá em São Paulo, representando o Rio Grande, a gente vai estar com o boxe em alta. Então, tipo assim, pra não ter bagunça, vamos fazer assim, cada um levanta a sua bandeira, cada um forma sua equipe, cada um forma a sua academia. Eu não tenho problema nenhum quanto a isso, não precisa usar nem o meu nome, cada um levanta a sua bandeira. Nisso o Claiton fez a Trassante Fight a equipe dele, o Willian fez a Cachorro Louco, o Edinei seguiu a equipe Australian Boxe" (SANTOS, 2013).

Neste momento, inicia-se o surgimento de outras equipes de boxe no município. O primeiro a fundar uma equipe fora da Australian foi Claiton Trassante e ele mesmo justifica:

"Em 2004... 2004? 2004? É, aí ele foi pra São Paulo de vez, aí o que aconteceu, a gente continuou com a Australian Boxe. E como só eu competia, quando ele foi embora mesmo, foi cada um pra um lado e aí comecei eu a participar dos campeonatos como Australian Boxe. Aí, daqui a pouco começou a ter... Ai outro colega abriu também a academia, o Willian, Australian Boxe. Aí como eu fazia mais a mídia como atleta, entendesse? Então eu fazia bastante mídia em cima disso aí, eu resolvi abrir uma equipe pra mim entendesse. Como a gente não era mais um grupo fechado como antigamente. Entendesse? Resolvi abrir minha própria equipe. Aí fundei a equipe Trassante Fight, isso foi pra 2005 acredito. né?!" (TRASSANTE, 2013).

ARTIGO

Então, Rio Grande passa a ter três equipes de boxe. O que fomentou este esporte no município com novas disputas entre as equipes, formando novos praticantes e novos atletas. Por consequência, os novos atletas deram origem também a novas equipes.

Da Trassante Fight surgem a Combate 365, Marzah Boxe e a equipe de Teilor Braz Lucas, mestre de Taekwondo que passou a ministrar aulas de boxe. Já a equipe Cachorro Louco, que surgiu da Australian, deu origem à Veiga, fundada por Jairo.

Sabe-se que estas não são as únicas equipes de boxe que surgiram em Rio Grande muito embora, são elas as mencionadas pelos entrevistados desta pesquisa.

Destas equipes citadas, nem todas ainda existem, a própria equipe Australian, sem o comando de Samir, acabou mudando de nome para Punhos de Ouro e depois se extinguiu. Por motivos pessoais dos seus fundadores, as duas equipes da "primeira geração", Trassante Fight e Cachorro Louco também se desfizeram.

Jairo diz que sua equipe surgiu justamente pelo fim da equipe Cachorro Louco, quando ela mudou de local:

"Uma academia aqui na Tiradentes nos cedeu um espaço e aí tinha, tinha pêra de teto-solo, tinha teto-solo pra trabalhar, material novo e nós fomos pra lá. O Willian ficou acho que uns três meses mais ou menos, não teve mais tempo para dar aula. Tá, começou a trabalhar, não deu, e eu assumi. Assumi né? Comecei dali a treinar sozinho e começou a aparecer aluno. Foi quando surgiu então a equipe Veiga. Na realidade não era direcionada à competição, era um boxe olímpico assim, tipo, recreativo. Pra pessoa ir ali, aprender a bater, gastar as energias né? Porque na parte, na parte de equipe que é pra competição, exige muito do aluno, muito do tempo e tempo. E tempo também é dinheiro, aí é complicado né?" (VEIGA, 2013).

O relato que Jairo coloca a respeito de um boxe sem finalidade de competição é descrito por Mariante Neto (2012) como "boxe da academia" em que o boxe está mais ligado às questões estéticas e apresenta-se como uma forma de ter o corpo ideal. Mariante Neto traça um paralelo com o boxe observado por Wacquant (2002), ligado ao profissionalismo, e

conceitua essas duas formas de boxe num processo de hibridação, em que um existe dentro do outro numa forma de pertencimento mútuo.

Este mesmo boxe híbrido é encontrado hoje nas academias do Rio Grande. O boxe não recebe ajuda financeira, e os atletas de boxe não conseguem sustento e acabam dando aula em academias. Para ter mais alunos eles, adaptam suas aulas para alunos que, a princípio, não tem a intenção de praticar o boxe de competição.

O boxe riograndino foi se expandindo, agora com outros atores e por meio de sua popularização pode-se perceber que o boxe passou por um processo que não está mais vinculado somente à competição e ao profissionalismo. Apareceu também um boxe com fins estéticos que muitos praticam para a queima de calorias e busca do "corpo perfeito". É através desse entremeio de pessoas e objetivos que o boxe vai se hibridizando e se popularizando em Rio Grande.

ROUND 3: UM NOVO ESPAÇO DE BOXE EM RIO GRANDE

Sem a presença de Samir, e com as diversas equipes, o boxe riograndino ficou disperso. Isso se registra na seguinte fala de Jairo:

"Samir acabou indo pra São Paulo, também ficou só seu Jairo e os outros que tinha aqui na cidade ta. Na época, se não me engano, era o Césio parece, o Trassante né? Mas assim sempre foi individual, nunca um quis ajudar o outro, essa que é a verdade ta? Então ficou assim, eu na minha academia, Trassante na academia dele, fulano na academia do outro lá, não se uniam pra fazer uma associação, fazer nada. Acabou que o Samir voltou pra Rio Grande e surgiu a ideia do projeto Punhos de Esperança" (VEIGA, 2013).

No entanto, encaminha-se uma nova caracterização do boxe riograndino, configurado em um projeto social esportivo que se daria como mecanismo de salvação de crianças em situação de risco. É possível mais uma vez relacionar o boxe de Rio Grande com o estudado por Wacquant (2002), o boxe como forma de escala social para indivíduos à beira da marginalização.

ARTIGO

Não cabe e nem se tem a intenção neste trabalho de entrar no mérito e no debate sobre o esporte e projetos sociais. Mas este projeto tem importância dentro da memória do boxe papareia e está diretamente ligado a uma nova centralização do boxe.

"Um ano antes de eu vir, isso já em 2008, em janeiro de 2008, a gente fundou o projeto de boxe em Rio Grande, aí nisso já treinava o 'Quick' Diego Crisel, o Jeferson Marzani também treinava. E aí, nessas vindas que vinha a Rio Grande, eu treinava na academia do Claiton, aí a gente se reuniu e falou pô, vamos montar um projeto, mas aonde a gente vai fazer? O Quick é morador do BGV, conseguiu a associação de bairro dos moradores do BGV. Aí o Jeferson morava na rua da associação, guardava o material lá, o Claiton ia poder fazer a mão de duas, três vezes na semana. Ele ia dar aula lá e tal. E aí nisso eu usei o meu nome, usei já a minha carreira, usei toda minha função que eu tinha em Rio Grande pra chamar a mídia local"(SANTOS, 2013).

Quando Samir volta para Rio Grande, um ano depois da fundação do projeto, ele tem a ambição de ampliar o projeto e assim realocar onde pudesse abranger mais bairros.

"A gente manteve esse projeto social com as crianças até a volta do Samir de novo. Samir voltou em 2009... 2009? Acredito que foi 2009.. E aí entramos em comum acordo de reunir num espaço que fosse neutro, pra conseguir levar em outros bairros também, entendeu. E aí trocamos o nome, como tinha vários instrutores de outras equipes também [...] não podemos manter o mesmo nome e se os outros vão ajudar, não seria justo né. Aí bolou o nome Punhos de Esperança."(TRASSANTE, 2013)

O projeto muda de local e passa ser no Centro de Eventos de Rio Grande, no bairro Cidade Nova. E recebe um novo nome, inspirado em um filme a que Samir diz ter assistido com o título "A Luta pela Esperança" (título original "Cinderella Man", 2005).

"Era Luta pela Esperança, e aí eu pensei, pô, tem que ser algo ligado a punhos porque pô, o cara boxeia, luta e tal. Ai, pô, punhos, punhos, punhos, aí me lembrei do filme e disse assim 'Punhos de Esperança'! Pum, bateu o nome!" (SANTOS,2013)

Como afirma Jairo, foi com esse projeto que Samir reuniu novamente parte dos envolvidos com boxe no município, neste novo espaço em forma de projeto social.

Acabou que o Samir voltou pra Rio Grande e surgiu a ideia do projeto Punhos de Esperança, que primeiro foi lá no bairro Getulio Vargas e depois então veio pro Centro de Eventos. Nessa época aí o Samir foi nos procurar um a um, ele procurou todo mundo um a um. Nos chamou, conversou, explicou como ele gostaria de fazer que nós todos participassem. Resultado, nem todos participaram, poucos ainda estão com ele, outros já foram embora, outros desistiram, outros não têm mais tempo, outros casaram, outros sei lá né? Então, veio surgir então o Punhos de Esperança, que foi no Centro de Eventos local cedido pela prefeitura." (VEIGA, 2013).

O Projeto Punhos de Esperança passou a ser um centro de boxe onde se mesclam as crianças alunas do projeto, atletas de competição e praticantes de boxe que treinam pela atividade física em si. Mais uma vez assim explicitando o processo de hibridação colocado anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As memórias registradas neste artigo no decurso de três *rounds* constituem parte da história do boxe no município do Rio Grande, em que foi possível perceber um boxe relativamente jovem. As memórias do boxe papareia estão ligadas com proximidade à trajetória de Samir Santos, mas ela também é formada por outros atores que compõem esse boxe, como é percebido no segundo e terceiro *rounds* da análise.

Apesar de Samir estar no centro das discussões, outros atletas também são peças-chaves na história do boxe em Rio Grande, sem negar a existência de praticantes que antecedem Samir, mas que, porém, não consolidaram um boxe forte, fato constatado nas falas de Jairo e Samir, quando narram suas primeiras tentativas de treinar boxe no município.

O boxe de Rio Grande se consolida a partir da boa vontade de seus praticantes e a dedicação destes para com o esporte. Construindo um boxe híbrido, resultado de diversas

transformações da cultura, que possibilitaram seu fortalecimento, sua continuidade e sua perpetuação até os dias de hoje na cidade.

REFERÊNCIAS:

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARATTI, J. M. "**Calçando as luvas**": primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920). **Revista Latino-Americana de História**, v. 1, p. 508-524, 201

MARIANTE NETO, F. P.; MYSKIW, M.; STIGGER, M. P. Da academia de boxe ao boxe da academia: um estudo etnográfico. **Movimento** (UFRGS. Impresso), v. 18, p. 103-123, 2012

MARTA, F. E. F. **A memória das lutas**: as artes marciais orientais e a sua presença na cultura corporal de São Paulo. 1. ed. São Paulo: EDUC - Editora PUC-SP, 2010.

THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre História Orales e memórias. **Projeto História**, 15, São Paulo, EDUC, Abril/ 1997, pp. 51-71

TRUSZ, R.; NUNES, A. V. A evolução dos esportes de combate no currículo do curso de Educação Física da UFRGS. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 01, p.179-204, janeiro/abril de 2007.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002.

VIEIRA, S; FREITAS, A. **O que é Boxe?** Casa da Palavra: Rio de Janeiro, 2007.